

Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução manuscrita para português (1848) de *Wilhelm Tell* de Friedrich Schiller

PHILIPP KAMPSCHROER*

Um manuscrito na posse de particular, até agora completamente desconhecido, transmite a primeira tradução integral da peça *Wilhelm Tell* (1804) de Friedrich Schiller para português. Na folha de rosto, a tradução é datada de 1848 mas não há nenhuma indicação quanto ao seu autor. No entanto, numa folha que pertence à encadernação, feita em altura posterior, se anotou o nome «Visconde de Samodães», sem especificar se se trata do 1.º ou do 2.º titular deste título nobiliárquico, nem se se trata de uma referência ao (antigo) dono do manuscrito ou mesmo ao tradutor. A tradução manuscrita poderá ser uma cópia feita por um copista profissional, dado o rigor da mesma e o uso de letra redonda para algumas didascálias; além disso, observam-se algumas emendas, possivelmente do próprio tradutor, introduzidas posteriormente com tinta de outra cor. Tais características materiais levam intuitivamente à suspeita de estarmos diante de um manuscrito de uma peça destinada à representação em palco. Como foi impossível localizar qualquer registo de uma encenação da peça, levanta-se ainda a hipótese de a peça ter sido rejeitada pelo(s) teatro(s) a que fora apresentada. A nossa análise da tradução não nos levará a excluir esta hipótese mas a considerar mais persuasiva uma outra, nomeadamente a de que estamos diante de um exercício de tradução por parte de um estudioso ainda algo inseguro e que por isso, de modo geral, não passa de uma

* Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

transposição literal; prescinde ainda da manutenção do verso e em vez disso opta por uma versão em prosa.

Após uma breve descrição material do manuscrito, entraremos na análise detalhada da tradução para, na última secção, discutir a proveniência e a autoria. Na primeira parte do século XIX não abundam, como é sabido, as traduções directas do alemão para português – como o é a tradução aqui em apreço – nem se verifica um conhecimento aprofundado da cultura germanófona entre os intelectuais portugueses. Precisamente por isso este manuscrito constitui um documento de amplo valor para a história do teatro e da tradução em Portugal.

Wilhelm Tell é uma das peças centrais do Romantismo europeu, tratando o tema da independência nacional, aqui relativamente à da Suíça. Readapta um episódio histórico, sem grande preocupação com a verdade histórica, respirando o nacionalismo característico da transição do século XVIII para o século XIX. Os heróis, a começar pelo próprio Tell, sobrepõem a luta pela defesa da independência nacional contra os usurpadores, executada com paixão, a toda a cautela imposta pela razão. Desde a primeira cena são salientadas diversas formas da cultura nacional com claros traços folclóricos e revivalistas, inscrevendo o povo suíço na paisagem que habita desde tempos ancestrais. Ao contrário do que se poderia imaginar, o tradutor anónimo desta peça para a língua portuguesa não procurou de alguma forma adaptar qualquer personagem ou peripécia de *Wilhelm Tell* ao contexto português.¹

1 Delille e Mingocho analisam em pormenor o caso da adaptação portuguesa por António Xavier Ferreira de Azevedo da tradução francesa de Lamartelière (que por seu lado já alterara bastante o original) de *Die Räuber* de Schiller. A peça foi levada à cena pela primeira vez em 1811, mas existe também uma nova versão de 1835, de autoria desconhecida, baseada na adaptação de António Xavier, com o título *Traição com aparência de Virtude e Virtude no carácter do Crime*. Nesta nova versão, de 1835, o conflito entre dois irmãos, já presente na peça de

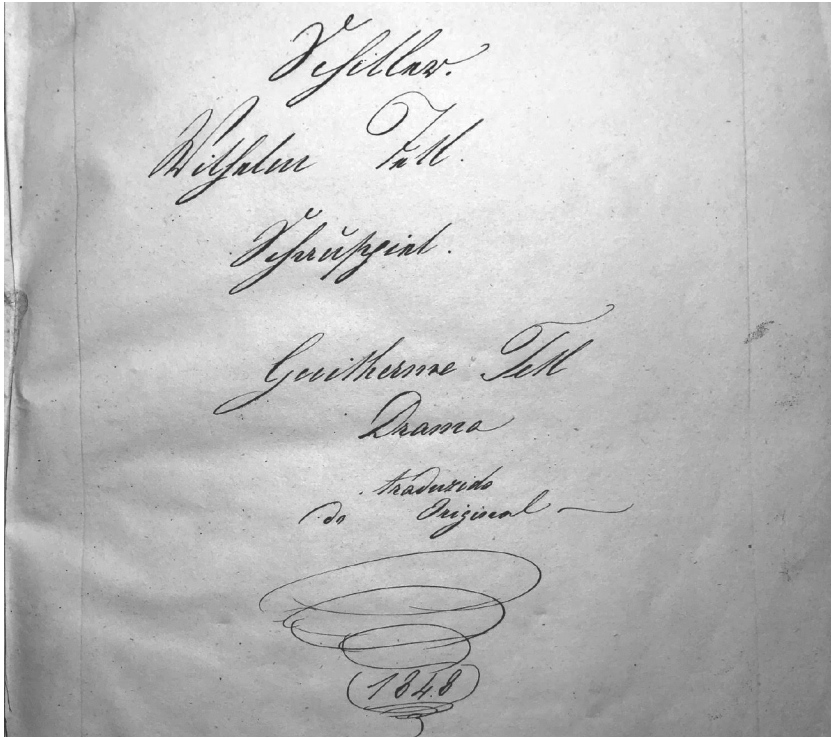


Imagem 1: folha de rosto Ms.Tell.1848



Imagem 2: Selo branco "Lousã"

Schiller, é reconfigurado de forma a representar o conflito entre D. Pedro e D. Miguel (cf. Delille/Mingocho, 1980: 60-69).

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

O MANUSCRITO

O presente documento encontra-se actualmente na posse de Thomas Ulbrich. É constituído por 125 folhas, dobradas manualmente na margem esquerda e direita. A tradução de *Wilhelm Tell* encontra-se manuscrita apenas nas páginas de rosto. A folha de rosto com o título da peça não é numerada e as seguintes são numeradas de 1 a 124. Todas as folhas apresentam, no canto superior esquerdo, um selo branco ornamentado com a estampa «Lousã». Este selo indicará que o papel provém da fábrica de papel dessa cidade. O manuscrito foi redigido com tinta escura, entretanto algo desbotada. Podemos acompanhar as trocas de tinta ou mesmo de pena. Na folha de rosto lê-se «Schiller. // Wilhelm Tell. // Schauspiel. // Guilherme Tell // Drama traduzido do Original. // 1848.» É de realçar o traço colocado por cima do «u» em «Schauspiel», de acordo com o alfabeto *Kurrent* (cursivo gótico), então ainda em uso no espaço germanófono; este detalhe revela o conhecimento dessas convenções caligráficas.

Na folha de rosto falta qualquer referência ao autor ou ao teatro onde teria lugar a representação. Tais informações não se encontram também nas restantes folhas do manuscrito, que, de resto, não está assinado na última página. Por norma existiam pelo menos duas cópias das peças que chegaram a ser representadas, nomeadamente uma para a Censura, que seria devolvida após a devida análise, e uma para o ponto. Como referido, não se conhece qualquer outra cópia da tradução aqui em análise. Os manuscritos oitocentistas destinados ao uso teatral indicam por norma o palco onde a peça seria representada; quando se trata da cópia que ficara na posse do empresário, ainda exhibe o veredicto do despacho da Censura, da qual em 1848 estava encarregada a Inspeção Geral dos Teatros. Não existe nenhum parecer relacionado com esta peça nos arquivos da Inspeção nem nos arquivos das instituições incumbidas anteriormente dessa tarefa. Parece-nos assim lícito excluir a possibilidade de ter havido uma representação da peça

num teatro comercial sujeito à Censura prévia. O único teatro nacional isento de autorização prévia por parte da Inspeção Geral dos Teatros era o Teatro Nacional D. Maria II, fundado em 1844. Este seria também um dos três teatros no panorama português, além do Conservatório Nacional, onde ocasionalmente havia representações teatrais, e o Teatro Académico de Coimbra², que teriam condições financeiras para levar a cabo a representação de uma peça da envergadura do *Wilhelm Tell*, com mais de 40 papéis a distribuir. Posto tudo isto, a admitir que estaríamos perante a tradução de uma peça destinada à representação em palco, restam duas hipóteses, das quais só uma se nos afigura provável: ou foi representada no âmbito de uma encenação de carácter amador ou por alunos, que não foi noticiada ou de que, apesar dos esforços por nós empreendidos, não foi possível encontrar notícia; ou, hipótese mais plausível, a peça foi apresentada a um ou vários teatros, tendo contudo sido rejeitada. Cumpre-nos novamente avisar que iremos, porém, considerar mais provável a hipótese de que a tradução não teria tal propósito.

O maço de folhas manuscritas foi encadernado posteriormente de forma simples em papel marmoreado. As folhas de guarda apresentam marcas de água distintas: na da frente se lê «Aranha» e na do fim «Raiva». No canto superior da primeira folha de guarda, ligeiramente à direita, uma mão desconhecida, mas decerto não a do copista do manuscrito, anotou, com lápis de cor vermelha, «Visconde de Samodães». Não esclarece se se refere ao 1.º ou ao 2.º visconde de Samodães. Na ausência de qualquer outra indicação, nem na encadernação nem nas folhas autógrafas, conjecturamos que essa anotação pode designar um dos condes e viscondes de Samodães como o próprio tradutor ou o (antigo) proprietário do manuscrito.

² No estudo de José Pinto Loureiro, *O Teatro em Coimbra: Elementos para a sua História (1526-1910)* (Coimbra: Câmara Municipal, 1959), nomeadamente nas secções que dizem respeito aos anos à volta de 1848, não encontrámos nenhuma menção de representação de *Wilhelm Tell*.

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

A seguir à folha de rosto, encontramos o elenco da peça, que ocupa as primeiras duas páginas numeradas. Seguem-se os cinco actos de *Wilhelm Tell*: I (pp. 3-30), II (pp. 31-54), III (55-80), IV (pp. 81-106), V (107-124). A tradução é integral, apesar de haver omissões ocasionais, e certamente acidentais, de alguns versos (p. ex. na p. 9 (I, I)). Como referido, pode tratar-se de uma cópia traspassada por um copista profissional. Para esta afirmação não só aponta a letra direita e cuidada, com poucas emendas imediatas, mas sobretudo a já referida distinção gráfica entre letra cursiva para falas e a indicação das figuras bem como para as didascálias mais longas, e letra redonda para as didascálias mais curtas, especialmente as que estão inseridas no meio de uma fala. O cotejo com um conjunto de cartas do conde de Samodães escritas entre 1839 e 1853, disponíveis na Torre do Tombo, leva-nos para já a excluir que a letra do manuscrito inédito aqui em apreço seja do 2.º conde e visconde de Samodães. Ao longo do manuscrito encontramos emendas de mão alheia, com tinta e pena distinta, que poderiam ser do tradutor da peça. Estas emendas abundam nas poucas partes em verso, que, como é natural, exigem mais retoques. O tradutor optou por uma versão em prosa da peça, escrita originalmente em verso branco; só os cantos, que no original alemão têm metros variados, foram traduzidos em verso. A decisão por uma versão em prosa não é estranha em traduções preparadas para o palco, mas permite também pensar que o tradutor não se via como alguém dotado de talento poético.

A TRADUÇÃO: DE BESTAS E ALABARDAS

A análise da tradução levar-nos-á a traçar o perfil do seu autor, abordando já a questão da autoria que será tratada em detalhe na próxima secção. A primeira pergunta que se coloca quem encontra um manuscrito oitocentista designado como «traduzido do Original», neste caso alemão, é se tal afirmação é verdadeira ou se o tradutor não tomou antes por base uma tra-

dução francesa, como era comum no século XIX. No entanto, o exame que levámos a cabo confirma, sem qualquer dúvida, que estamos diante de uma tradução directa do texto alemão. Não foi possível identificar qualquer dependência de uma das várias traduções francesas anteriores a 1848, inclusive as duas que constavam da Biblioteca dos Condes de Azevedo-Samodães³. Mas a prova inequívoca é-nos fornecida pelo escrutínio do próprio texto. O tradutor mantém-se fiel – na verdade, excessivamente fiel – ao original, mesmo a nível sintáctico. Poderíamos denominá-la de «tradução alienante» («verfremdende Übersetzung») no sentido de Johann Wolfgang von Goethe, na medida em que procura aproximar a linguagem da tradução à língua original do texto, se esta característica não fosse, mais do que opção, reveladora da insegurança do seu criador. Parece ter sido executada por alguém que estava então a aperfeiçoar o seu alemão e a iniciar-se no ofício de tradutor literário. Olhemos para algumas passagens que sustentam a nossa tese, recorrendo pontualmente, por contraposição, às traduções de José Feliciano de Castilho (iné dita, não datada) e Silva Mendes (1898).

A tradução aqui em questão está em prosa, como já referimos, à excepção dos cantos. Um dos cantos mais célebres da peça é aquele que a inaugura, após a apresentação do cenário, uma margem de «escarpados rochedos» do Lago dos Quatro Cantões, defronte de Schwyz. Estamos a falar do canto do pescador novo (*Fischerknabe*), seguido do do pastor (*Hirte*) e do do caçador dos Alpes (*Alpenjäger*). Todos os três cantam ao som da «Melodie des Kuhreihens» (que é traduzida de forma redutora como «melodia das vaccas»), que designa uma série de melodias tradicionais tocadas em diversos instrumentos

3 *Oeuvres dramatiques de Schiller* (1837). Traduites de l'allemand par M. Horace Meyer. Nouvelle édition, précédée d'une notice biographique et littéraire. Paris: A. Saintin; e a edição de 1844 de *Théâtre de Schiller*. Traduction nouvelle précédée d'une Notice sur sa vie et ses ouvrages par M. X. Marmier. Paris: Charpentier. Cf. o Catálogo, II, p. 512 (números 3119 e 3120).

Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller

pelos pastores dos Alpes com o fim de atrair as vacas para a ordenha. Vejamos o canto do *Fischerknabe*, na sua canoa:

| | |
|--|---|
| <p>Es lächelt der See, er ladet zum Bade, Der Knabe schlief ein am grünen Gestade, Da hört er ein Klingeln, Wie Flöten so süß, Wie Stimmen der Engel Im Paradies. Und wie er erwachet in seliger Lust, Da spülen die Wasser ihn um die Brust, Und es ruft aus den Tiefen: Lieb Knabe, bist mein! Ich locke den Schäfer, Ich zieh ihn herein. (Schiller, 1969: 5; itálicos do original)</p> | <p>Sorrie-se o lago, ao banho elle convida, O rapaz Dome (↑ o rapaz) em relva (↑ mu) florida E então (↑ eis quê), tal d'uma fruta Ouve o som doce e lizo Como as vozes dos Anjos Ressoão no Paraiso. Quando em prazer acorda satisfeito As agoas lhe chegarão quasi ao peito. Do fundo uma voz grita (← Ó) Ouvide (↑ caro) moço, es <+> meo: Para mim eu te tiro atraio Desperto o somno teo. (Ms.Tell.1848: 4)</p> |
|--|---|

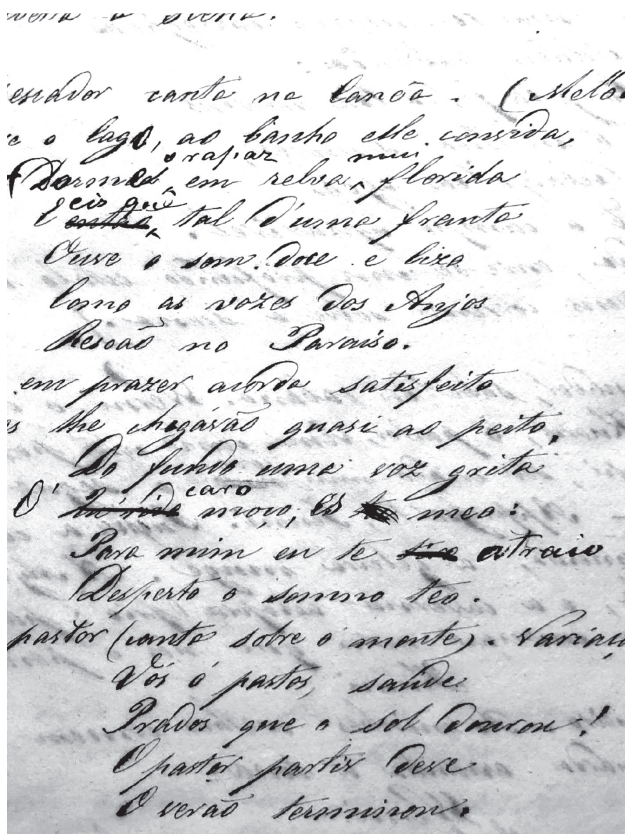


Imagem 3: Ms.Tell.1848, p. 4

Como vemos, a passagem está muito emendada, não sendo estas emendas passíveis de atribuição ao copista. A nossa suspeita é a de que são do tradutor, que procurou aperfeiçoar os seus versos. É de notar que essa segunda mão não efectuou alterações métricas; já a primeira redacção respeitava o metro, composto de hendecassílabos e octossílabos. Onde se lia «O rapaz dorme em relva florida», a versão «final» emenda para «Dorme o rapaz em relva mui florida», mantendo-se as 11 sílabas através de sinalefa em «Dorme o»; «Ouvide moço, es meo» fica «Ó caro moço, es meu», sem prejuízo do octossílabo. A tradução do primeiro canto deve, apesar do último verso algo tosco, considerar-se bem conseguida, por manter um bom equilíbrio entre qualidade poética e alterações pontuais do sentido.

Esta passagem não nos deve porém iludir. De modo geral, o texto não só está excessivamente dependente do original como inclui alguns erros marcados. O mais flagrante é a tradução de «Armbrust» (besta) por «alabarda» (em alemão seria «Hellebarde»), que se verifica ao longo da peça. A besta de Wilhelm Tell é precisamente o objecto-chave da peça, não só na cena mais famosa (III, III) em que Tell é forçado a acertar numa maçã colocada sobre a cabeça do seu filho. A primeira ocorrência da palavra encontra-se na página 8 (I, I), aquando da primeira entrada em cena de Tell. Este irrompe numa discussão entre vários pastores e pescadores por causa da aparição súbita de Konrad Baumgarten, cidadão de Unterwalden, em fuga após ter matado o balio do Imperador (chegado a casa, Baumgarten surpreendera-o a tentar violar a sua mulher). Ao ajudar Baumgarten a fugir, transpondo o lago na canoa, a despeito da tempestade – que afasta a harmonia magnífica do cenário inaugural –, Tell torna-se uma figura emblemática da resistência suíça à anexação pela Áustria. Passa a ser um fora-da-lei, procurado pelas autoridades. Schiller traçará, ao longo dos primeiros três actos, o perfil de Tell e da sua família, ao mesmo tempo que descreve os esforços, por parte de vários cidadãos de cantões diferentes, de formar uma frente unida contra os usurpadores.

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

A terceira cena do primeiro acto passa-se numa praça de Altdorf, onde se encontra em vias de construção um forte encomendado pelo Imperador da Áustria. Esta fortaleza «está já bastante adiantada para se conhecer a forma do edifício. A parte mais distante está concluída, trabalha-se na parte anterior, vêm-se os andaimes pelos quaes sobem o descem os trabalhadores» (Ms.Tell.1848: 16). Os trabalhadores são suíços que foram destacados para esse trabalho árduo que chega a causar acidentes mortais. Tell e Stauffacher visitam, bastante revoltados, a obra. Cotejamos o passo no original com a nossa tradução e com a versão de José Feliciano de Castilho:

| | | |
|---|---|--|
| <p>STAUFFACHER: O hätt' ich nie gelebt, um das zu schauen!</p> <p>TELL: Hier ist nicht gut sein. Lasst uns weitergehn.</p> <p>STAUFFACHER: Bin ich zu Uri, in der Freiheit Land?</p> <p>MEISTER STEINMETZ: O Herr, wenn ihr die Keller erst gesehn Unter den Trümmern! Ja wer <i>die</i> bewohnt, Der wird den Hahn nicht fürder krähen hören!</p> <p>STAUFFACHER: O Gott!</p> <p>STEINMETZ: Seht diese Flanken, diese Strebepfeiler, Die stehn, wie für die Ewigkeit gebaut!</p> <p>TELL: Was Hände bauten, können Hände stürzen. (<i>Nach den Bergen zeigend.</i>) Das Haus der Freiheit hat uns Gott gegründet.</p> <p>(Schiller, 1969: 17-18; itálicos do original)</p> | <p>STAUFFACHER. O! que eu nunca tivesse vivido, para não ver isto.</p> <p>TELL. Aqui não estamos bem; vamos para mais longe.</p> <p>STAUFFACHER. Estou eu em Uri, na terra da Liberdade!</p> <p>MESTRE PEDREIRO. Ó Senhor, se vós visseis primeiro a prizão que está debaixo da Torre! Sim, aquelle que a fôr habitar, esse não tornará a ouvir o canto rouco do gallo.</p> <p>STAUFFACHER. Ó Deus!</p> <p>PEDREIRO. Vêde estes flancos, estes contrafortes, que parecem construidos para a eterni- dade!</p> <p>TELL O que as mãos formão podem as mãos derrubar. (<i>apontando para os montes</i>) Deus nos formou a caza da Liberdade.</p> <p>(Ms.Tell.1848: 18)</p> | <p>STAUFFACHER Oh! porque vivi eu! Para ver isto!</p> <p>TELL Não estamos bem aqui, vamos mais longe.</p> <p>STAUFFACHER 'Stou em Uri, no chão da liberdade?</p> <p>CANTEIRO Oh, Senhor! se vós visseis a masmorra que há por baixo da torre! quem lá jaza não ouve o gallo mais cha- mar o dia.</p> <p>STAUFFACHER Deus!</p> <p>CANTEIRO. Bastiões, botaréos Tudo parece ser para a eternidade construído.</p> <p>TELL. O que mãos erguem, podem mãos prostral-o. (<i>mostrando a montanha:</i>) Eis do homem-livre o forte; é Deus que o dóa.</p> <p>(Schiller, 18- (J. F. Castilho): 26-27)</p> |
|---|---|--|

A tradução manuscrita anónima é muito mais literal do que a versão em verso de Castilho, que exhibe uma mestria literária nitidamente superior. A última fala de Tell, que contrapõe o forte, obra humana e vil, mas também efémera, aos Alpes, obra divina, ligada à liberdade, por isso eterna, é uma afirmação lapidar da mensagem optimista da peça. O termo «Steinmetz» traduz-se em português por «canteiro», usado correctamente por Castilho, e não por «pedreiro», como aparece na tradução anónima. O tradutor anónimo emancipa-se pouco do original alemão, sobretudo a nível sintáctico, e traduz mesmo literalmente a expressão «Haus der Freiheit» («casa da liberdade»), que não deixa de soar estranha em português. Castilho, preocupado com o efeito poético, sacrifica um pouco o sentido literal, o que contudo não o deixa de aproximar, no tocante ao aspecto lírico, novamente dos versos altissonantes de Schiller. Sublinhe-se ainda a sua escolha inteligente de repetir a palavra «forte», designando as montanhas.

Logo depois da exclamação de Tell, surge uma turba de gente e é colocado, ao som de um tambor, um chapéu sobre uma vara, representando o governador austríaco. Um pregoeiro declara que todos os que passam são obrigados a prestar reverência ao chapéu. Como vimos, nesta cena (I, III), à construção militar sofisticada se opõem, simbolicamente, as montanhas formosas da Suíça. Após uma série de convénios bucólicos, os resistentes helvéticos dos vários cantões irão, no final do segundo acto, proferir o lendário Julgamento de Rütli, no prado homónimo junto ao Lago dos Quatro Cantões. No início do terceiro acto encontramos Tell no pátio da sua casa. A tradução manuscrita anónima é fiel em relação à descrição das ocupações das personagens desta cena, excepção feita, novamente, da opção por «alabarda» em vez de «besta»: «Tell está com uma enchó. Hedwig (mulher de Tell) está ocupada com um trabalho domestico. Walther e Guilherme (filhos de Tell) brincão no fundo da scena com uma pequena alabarda» (Ms. Tell.1848: 55; «Tell ist mit der Zimmeraxt, Hedwig mit einer häuslichen Arbeit beschäftigt. Walther und Wilhelm in der

Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller

Tiefe spielen mit einer kleinen Armbrust», Schiller, 1969: 52).
Tell está a cantarolar:

| | |
|---|---|
| <p>Mit dem Pfeil, dem Bogen, Durch Gebirg und Tal Kommt der Schütz gezogen Früh am Morgenstrahl.</p> | <p>Com seu dardo, com seu arco Anda errando o caçador Por montes e (↑ por) vallados <Logo com os raios d'alvor> (↓ Apenas brilha o alvor)</p> |
| <p>Wie im Reich der Lüfte König ist der Weih – Durch Gebirg und Klüfte Herrscht der Schütze frei.</p> | <p>Tal como é rei o milhamo Pelas regiões do ar Assim elle nos rochedos Tem poder de dominar.</p> |
| <p>Ihm gehört das Weite Was sein Pfeil erreicht, Das ist seine Beute, Was da kreucht und fluegt. (Schiller, 1998: 52)</p> | <p>Todo o espaço lhe pertence E o que com seu dardo alcança, Tudo o que trepa e o que vóa É seu despojo e herança – (Ms.Tell.1848: 55)</p> |

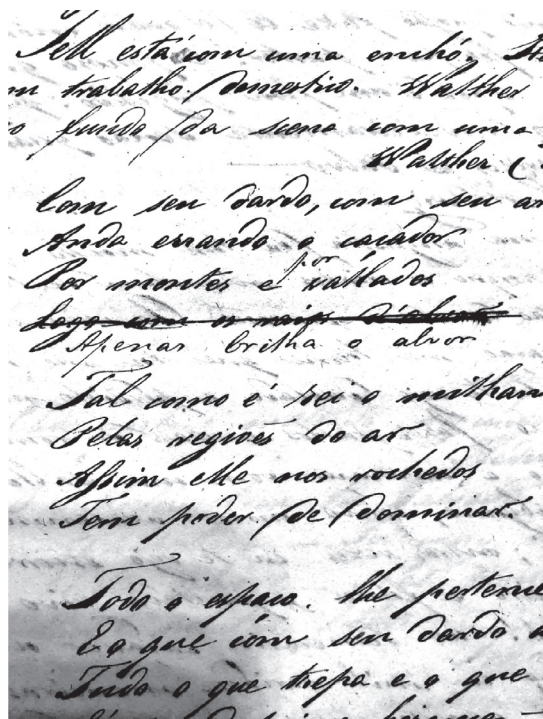


Imagem 4: Ms.Tell.1848, p. 55

As emendas no terceiro e no quarto verso foram introduzidas com uma pena distinta e parecem também ser de outra mão; coloca-se aqui novamente a hipótese de se tratar de emendas posteriores por parte do tradutor no manuscrito passado a limpo por um copista. O tradutor escolheu, para a transposição dos versos alemães, que alternam 6 e 5 sílabas, com três acentos tónicos cada, a redondilha maior (octossílabos). Só se enganou uma vez, no terceiro da última quadra. Mesmo admitindo todas as sinalefas possíveis, este verso ficaria por 9 sílabas. Dado que é o único lapso nesta quadra, tendemos a atribuí-lo a uma revisão insuficiente, mais do que a uma eventual limitação técnica. Ainda assim, descobrimos-lhe limitações claras ao nível rítmico e da acentuação, levando à perda da musicalidade do original alemão.

À canção se segue uma curta interacção entre Tell e os seus filhos, que estão a praticar com a besta, o que leva a mulher de Tell, Hedwig, a criticar essa educação guerreira. Tell, no entanto, defende a necessidade de dominar a arma: «Aquelle que se quer aventurar-se pela vida deve estar prestes para a defesa e ataque» (Ms.Tell.1848: 56; «Wer durchs Leben // Sich frisch will schlagen, muss zu Schutz und Trutz // Gerüstet sein», Schiller, 1969: 52). Está certo de que, para ele, não há outra forma de vida possível, porque «(a) Natureza não me fez para pastor» e «porque da vida não gozo verdadeiramente senão quando cada dia de novos perigos me salvo» (Ms.Tell.1848: 56; «Zum Hirten hat Natur mich nicht gebildet, // (...) Dann erst genieß ich meines Lebens recht, // Wenn ich mir's jeden Tag aufs neu' erbeute», Schiller, 1969: 52-53). Ao contrário das outras figuras femininas da peça, que tendem a ser mais radicais do que os seus respectivos maridos na defesa da independência da Suíça, nem que seja através do uso da força, Hedwig acusa Tell de desconsiderar a sua angústia de dona de casa («die Angst der Hausfrau», na tradução anónima, mais livre: «(a) angústia da tua mulher», *Idem*). A resposta de Tell, que veremos no original e na tradução, é taxativa:

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

| | |
|--|--|
| <p>Wer frisch umherspäht mit gesunden Sinnen, Auf Gott vertraut und die gelenke Kraft, Der ringt sich leicht aus jeder Fahr und Not: Den schreckt der Berg nicht, der darauf geboren. (<i>Er hat seine Arbeit vollendet, legt das Gerät hinweg.</i>) Jetzt, mein ich, hält das Tor auf Jahr und Tag, Die Axt im Haus erspart den Zimmermann.</p> <p>(<i>Nimmt den Hut.</i>) (Schiller, 1969: 53)</p> | <p>Aquella que olha em torno de si a sangue frio, aquella que confia em Deus e na ligeireza de seus membros, este se <oppõe> [† tira]⁴ facilmente de todo(s) os perigos e aflições; as montanhas não afrontão quem n'ellas nasceu. (<i>Elle completa o seu trabalho, e depõe os seus instrumentos</i>) Agora, julgo eu, que a porta está segura para dias e annos. O machado em caza me dispensa o carpinteiro. (<i>Toma o chapéo</i>) (Ms.Tell.1848: 56)</p> |
|--|--|

O que podemos dizer sobre a tradução desta fala é válido para toda a tradução. De modo geral, o tradutor é muito fiel ao original, que reproduz mesmo sintaticamente (confirmam-se as duas passagens «este se tira facilmente de todo(s) os perigos e aflições» e «Agora, julgo eu, (...)»). Mas acerta muitas vezes ao lado quando procura ser mais arrojado, como na tradução de «mit gesunden Sinnen» por «a sangue frio»; o sentido do original poderia ser transmitido adequadamente por «de cabeça fria». A fala termina com um verso que se tornaria uma expressão idiomática, corrente ainda hoje-em-dia. Na tradução, através da introdução do pronome oblíquo «me», perde-se porém o carácter universal dessa fala, que ficaria melhor em português como «O machado em casa dispensa o carpinteiro» ou «Quem tem (um) machado em casa não precisa de carpinteiro». O trabalho do transpositor de *Wilhelm Tell* revela-se, novamente, carente de revisão final.

A terceira cena do terceiro acto regressa à praça pública em Altdorf, onde, no Acto I (III), se colocou o chapéu no alto de uma vara a que todos os transeuntes devem fazer reverência. Acontece que os cidadãos respeitáveis de Altdorf e arredores tentam contornar o chapéu para não ter de prestar-lhe a sua homenagem desonrante, «(s)ó a canalha miserável

4 Esta emenda parece ser feita pela mesma mão que copiou o texto integral.

se deixa ver; para tirar por necessidade o seu bonné esfarrapado» (Ms.Tell.1848: 65; «Nur schlecht Gesindel lässt sich sehn und schwingt // Uns zum Verdrieße die zerlumpten Mützen», Schiller, 1969: 60)). A dada altura surgem Tell e o seu filho, Walther. Plenamente absorvidos numa conversa que, mais uma vez, gira à volta do tema de liberdade e subserviência, nem sequer se apercebem do chapéu posto sobre a vara. Os soldados do Imperado param-nos e detêm-nos até à chegada do governador, Gessler, com a sua comitiva. Gessler obrigará Tell, cuja destreza com a besta é falada em todo o lado, a acertar numa maçã colocada sobre a cabeça do seu filho. A ardente luta interior de Tell quebra as reservas de Rudenz, sobrinho do rico-homem Werner, que até então hesitava em apoiar a luta armada contra os invasores, apesar da insistência renovada da sua mulher, Bertha. Esta também entra em cena, desta vez para apaziguar o seu marido. Enquanto Rudenz dirige falas combativas e verbosas a Gessler, Tell, à margem da atenção dos populares que encheram a praça, acerta com a flecha na maçã. Esse momento é-nos transmitido por meio da exclamação repentina de Stauffacher: «A maçã cahio» (*Idem*: 76; «Der Apfel ist gefallen»). Entre outras exclamações de alívio, o filho de Tell, a maçã atravessada na mão, corre em direcção do seu pai, que o abraça com grande ímpeto. Leiamos algumas reacções, no original, na tradução anónima e na de Silva Mendes:

| | | |
|---|--|--|
| <p>STAUFFACHER: Gott sei gelobt!</p> <p>LEUTHOLD: Das war ein Schuss! Davon Wird man noch reden in den spätesten Zeiten.</p> <p>RUDOLF DER HARRAS: Erzählen wird man von dem Schützen Tell, Solang die Berge stehn auf ihrem Grunde. (Schiller, 1969: 70)</p> | <p>STAUFFACHER. Deus seja louvado!</p> <p>LEUTHOLD. Isto foi um tiro ! Delle se fallará nos tempos mais distantes.</p> <p>RODOLPHO DE HARRAS Fallar-se-há do caçador Tell enquanto as mon- tanhas estiverem sobre a sua base. (Ms.Tell.1848: 77)</p> | <p>STAUFFACHER Louvado seja Deus!</p> <p>LEUTHOLD Que bello tiro! Dará brado nos tempos mais distantes!</p> <p>RUDOLPHO De Tell os homens falla- rão emquanto Repousar a montanha em sua base. (Schiller, 1898: 136)</p> |
|---|--|--|

Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell de Friedrich Schiller

Verifica-se novamente, na tradução manuscrita anónima, a conservação extremamente fiel do texto alemão a nível lexical e sintáctico. Este procedimento conservador, embora nem sempre oferecendo a solução mais elegante, não altera de facto o sentido das falas. No entanto, a exclamação de Leuthold, «Isto foi um tiro!», mostra os limites de tal tradução literal. A solução encontrada por Silva Mendes é mais idiomática (para além de contribuir para o estabelecimento de um metro regular, redondilha maior com esquema de rima ABAB). Duas opções conservadoras viáveis, mas também idiomáticas, seriam «Isto é que foi um tiro!» e «Mas que tiro!».

Na sequência da cena que acabamos de ver, Tell é preso após admitir que guardou uma segunda flecha na sua aljava, com a qual teria alvejado o Governador no caso de falhar a maçã e acertar no seu filho. A sua serenidade ao ser levado pelos soldados explica-se também pela sua crença inabalável num futuro melhor. Irá, de facto, libertar-se das tropas invasoras durante uma nova tempestade lacustre e afirmar-se como figura de identificação para os rebeldes suíços na sua luta, que será bem-sucedida. Por todo o quarto e quinto acto, a tradução portuguesa anónima não altera a nossa impressão. O texto segue de perto o original e evita mudar o seu sentido. Não se nota em algum momento a intenção de enviar certas mensagens políticas. Também esta característica – a ausência de alterações relacionadas com conotações políticas da peça ou mesmo de adaptação de certos elementos ao contexto português – aponta para a hipótese de não estarmos diante de uma tradução destinada à representação em palco, mas de um documento de trabalho, sendo impossível imputar-lhe com certeza uma outra finalidade.

A AUTORIA

Como foi dito na primeira secção, não encontrámos qualquer referência ao presente manuscrito nem a uma representação da peça *Wilhelm Tell* por volta do ano de 1848. No quadro da nossa investigação ainda consultámos os seguintes estudos e fontes bibliográficas: o catálogo elaborado por José dos Santos aquando do leilão da biblioteca privada do 2.º conde e visconde de Samodães, em 1921/22; *Cartas ineditas de Camillo Castello Branco ao 1.º Conde de Azevedo*, do 2.º conde de Azevedo, que contém informações preciosas sobre a constituição e a história da biblioteca Azevedo-Samodães; algumas entradas do *Dicionário bibliographico* de Inocêncio da Silva e Brito Aranha referentes ao próprio visconde, a diversos homens de letras e sobretudo a conhecidos tradutores oitocentistas; a extensa bibliografia elaborada por A. A. Gonçalves Rodrigues, *A tradução em Portugal*; o catálogo da Sala Jorge de Faria na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; o estudo de Maria Manuela Gouveia Delille e Maria Teresa Delgado Mingocho sobre a recepção de *Die Räuber* em Portugal, primeiro volume de uma série (que acabaria por não ter continuação) sobre a recepção de Schiller em Portugal no século XIX. Em função dos esforços acabados de enumerar, podemos não só praticamente dar como certo que não tenha havido uma representação com base no manuscrito mas também afirmar que tudo indica que se trata de um inédito privado, até à data desconhecido.

O nome do visconde de Samodães, anotado, como referido, numa folha de guarda da encadernação posterior, fornece a única pista viável para apurar o autor ou o antigo dono. Francisco de Paula de Azeredo Teixeira de Carvalho (1770-1857) foi o primeiro titular, tendo sido elevado a visconde em 1835 e a conde em 1842. Desconhecem-se-lhe quer obras literárias próprias quer um relevante arquivo manuscrito, por isso podemos descartar como altamente improvável qualquer ligação sua ao manuscrito em apreço. Já o seu filho, Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, 2.º conde e visconde de Samodães (1828-1918), foi

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

um conhecido homem das letras, ostentando uma obra considerável de traduções, sobretudo de textos teológicos, também do alemão. Olhando de perto para a sua biografia, parece-nos bastante provável que ele seja o autor da tradução de *Wilhelm Tell*, colocando-se ainda a hipótese, menos provável, de ser apenas o antigo possuidor do autógrafo. Discutiremos primeiro a segunda hipótese.

O núcleo principal da biblioteca privada do 2.º conde e visconde de Samodães, leiloadada entre 1921 e 1922, é constituído pelo fundo bibliográfico do seu primo, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barbosa Pinheiro Pereira e Sá, 1.º visconde e conde de Azevedo. Com a morte deste, em 1876, a sua biblioteca privada passou, de acordo com o testamento deixado pelo próprio, ao visconde de Samodães. Já o seu importante fundo de manuscritos foi doado à Biblioteca Municipal do Porto. Contudo, o filho do 1.º conde de Azevedo informa que dois manuscritos de Fr. João dos Prazeres não foram inicialmente entregues à referida biblioteca, porque na altura se encontravam, justamente, na sua posse; entregou-os posteriormente, em 1926, à Biblioteca Municipal do Porto (cf. Azevedo, 1927: 316-317). Se é possível que mais alguns manuscritos importantes tenham sido esquecidos ou retidos intencionalmente aquando da doação do fundo manuscrito de Azevedo, nada leva a crer que tal se aplicaria a um manuscrito de uma tradução portuguesa para fins desconhecidos de *Wilhelm Tell*.

Resta ainda a hipótese de o próprio 2.º conde de Samodães ter adquirido o manuscrito, por exemplo, num leilão ou num alfarrabista. Uma pesquisa exaustiva, embora naturalmente incompleta, no *Dicionário bibliográfico* não forneceu qualquer pista neste sentido. Consultámos as entradas referentes a alguns tradutores conhecidos do século XIX, entre os quais Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1774-1844), João Félix Pereira e José Gomes Monteiro. Inocêncio elenca os manuscritos no espólio de Nolasco Cunha, que foi o primeiro a traduzir peças de Schiller em Portugal. A sua versão de *Kabale und Liebe*

(*O Amor, e a Intriga*) foi representada, em 1802, no Teatro Nacional da Rua dos Condes. Entre os muitos manuscritos de Nolasco da Cunha que foram vendidos a um certo A. J. Fernandes Lopes, consta também uma tradução inédita de *Die Räuber* (*Os Bandidos*), que contudo se perdeu. Inocêncio, que viu esse fundo na posse de Fernandes Lopes, avisa, de qualquer forma, que pode não ter visto tudo e que além disso se esqueceu de alguns títulos dos manuscritos que viu (Silva/Aranha, 1862 (tomo sétimo): 438. Mas é pouco provável que Nolasco da Cunha tenha por acaso traduzido de forma provisória *Wilhelm Tell*, tradução essa que depois da sua morte alguém teria passado, em 1848, a limpo, e que Inocêncio por acaso não teria visto. Não parece haver forma de afastar de uma vez por todas a hipótese de o presente manuscrito ser de um tradutor desconhecido, tendo chegado, por alguma razão, às mãos de Samodães.

De qualquer forma, o currículo de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, 2.º conde e visconde de Samodães (1828-1918), torna persuasivo o cenário em que ele seria mesmo o tradutor de *Wilhelm Tell*. O visconde tem uma vasta obra como tradutor, nomeadamente de obras teológicas, sobretudo do francês. A sua primeira tradução do alemão saiu entre 1876 e 1878, quando deu ao prelo a sua versão em 5 volumes da *Apologie des Christentums* de Franz Hettinger. Este trabalho foi, segundo o próprio tradutor, um esforço muito grande, relatando que esteve em contacto contínuo com Hettinger durante o processo. Este, Hettinger, tê-lo-ia animado «a perseverar no intento, prestando-se até esclarecer-me sobre as passagens, que me parecessem mais obscuras na sua obra» (p. XII; citado a partir de Cordeiro, 2004, p. 148n). É de pressupor que a versão portuguesa da *Apologia do Cristianismo* tenha sido o produto de muitos e laboriosos anos de aperfeiçoamento do domínio da língua alemã.

Teixeira de Aguiar ostentou esse domínio alguns anos antes no âmbito da *Questão Faustiana*, a famosa polémica intelectual despoletada pela crítica feroz de Joaquim de

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

Vasconcelos à tradução do *Fausto* de Goethe por António Feliciano de Castilho. É o mesmo Joaquim de Vasconcelos que, no livro *O Fausto de Castilho julgado pelo elogio mútuo: Artigos coleccionados e glossados*, coligiu alguns artigos relacionados com essa que é a única polémica na história intelectual de Portugal em torno de assuntos alemães. Nesse livro, Vasconcelos reuniu tanto artigos que apoiam a sua censura como artigos que defendem Castilho contra os ataques. Estes últimos são «enfeitados» com notas de rodapé contendo comentários críticos ou mesmo sarcásticos de Vasconcelos, que ainda os dota, respectivamente, de uma epígrafe escarnejadora. No seu artigo, saído originalmente na revista católica *A Palavra*, Samodães defende o trabalho de Castilho, ecoando a defesa anterior do seu amigo Gomes Monteiro em *Os críticos do Fausto do sr. visconde de Castilho* (1873). Isso valeu-lhe a epígrafe «É duvidoso – que saiba alemão».

Samodães argumenta que embora Castilho não soubesse alemão, tendo recorrido a uma versão provisória elaborada pelo seu irmão – José Feliciano de Castilho, o autor da já referida tradução inédita do primeiro acto de *Wilhelm Tell* –, o seu génio bastou para estabelecer uma versão digna do original de Goethe. Tal génio que claramente não atribui a Joaquim de Vasconcelos: «O sr. Vasconcellos não é hóspede na língua de Schiller e Luthero, mas bate-se como quem conhece a de Bürger e Körner» (Vasconcelos, 1873, 66). O talento linguístico e o intelecto do visado, criado na Alemanha e fluente na língua alemã, são zombados, não lhe concedendo a afinidade com os mestres Schiller e Lutero mas apenas com os poetas menores Bürger e Körner. Samodães não acredita que Gomes Monteiro possua um domínio superior da língua alemã mas, continuando no mesmo tom de escárnio, considera que «os seus [de Gomes Monteiro] conhecimentos de critica derribam os castellos do pedantismo, e os estudos profundos da lingua vencem a superficialidade» (*Idem*, 66-7). Um pouco abaixo, Samodães cita um ponto de discórdia entre Gomes Monteiro e Vasconcelos:

Com rigor o snr. Gomes Monteiro ensina ao crítico que *Anblick* em alemão significa aspecto e não olhar, sendo formado do prefixo separável *an* e do substantivo *Blick*: que *unbegreiflich* quer dizer incompreensível, e não incoercível, adjectivo, que os críticos suppozeram verter o francez *insaisissable*. Ora este vocabulo incoercível será muito mais apropriado do que incompreensível, mas em verdade é pouco *befreiflich*. (*Idem*, 67)

Em nota de rodapé, Vasconcelos chama, pagando na mesma moeda, a este passo um «*galimatias*, em que o nobre conde se envolve para mostrar a sua sapiencia em allemão – para recreio dos compatriotas de Goethe, porque o leitor nacional mal o poderá entender» (*Ibidem*). De facto, Samodães procura aqui demonstrar as suas competências linguísticas, sem atender propriamente a quem não sabe alemão. O prefixo «*un*», que tem a mesma função na língua inglesa, equivale ao prefixo «*in*» em português. O adjectivo «*begreiflich*» tem o significado «compreensível»; o verbo correspondente é «*begreifen*» (compreender, entender), que por seu lado partilha a mesma raiz com o verbo «*greifen*» (agarrar).

Nas páginas seguinte, Samodães vai lançando ataques ferozes contra Vasconcelos, ao mesmo tempo que defende a crítica de Gomes Monteiro ao trabalho deste último. A poucas linhas do fim do artigo, em jeito de resumo, Samodães reapropria uma quadra de Lessing, que Gomes Monteiro cita no seu livro, mas noutro contexto, para fazer o elogio desse mesmo livro de Gomes Monteiro em detrimento do livro de Vasconcelos. A citação de Lessing é, segundo Samodães: «*Böse Bücher fügen auch, guten zu der Gegenprobe*» (*Idem*, 70); e é traduzida por «Os maus livros são convenientes para a contraprova dos bons» (*Ibidem*). Em nota de rodapé a este passo, Vasconcelos repara, com acerto, que «o nobre conde» emendou a citação: onde no livro de Gomes Monteiro se lia «*tügen*» (a palavra não existe, trata-se claramente de uma gralha), Samodães emendou para «*fügen*» (juntar, inserir,

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

dependendo da regência). No entanto, Vasconcelos repara correctamente que «tügen», que consta do verso original, é uma forma arcaica de «taugen» (prestar), ou seja, não carece de emenda. Desta vez, a luta dos germanófilos é vencida por Joaquim de Vasconcelos, que, de qualquer forma, em Samodães encontra um adversário digno.

Os conhecimentos da língua alemã de Teixeira Aguilar datam pelo menos dos tempos do Liceu. Samodães frequentou, a partir de 1837, o Colégio da Lapa no Porto e, de seguida, o Liceu de Lisboa. Em 1843 ingressou na Universidade de Coimbra, onde, em 1849, se formaria em Matemática. Acerca da sua formação, Eduardo Cordeiro diz-nos o seguinte:

Embora tenha frequentado no Liceu de Lisboa as cadeiras de Língua Alemã, Inglesa, Grega e de Diplomática e Paleografia, Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar irá continuar o seu estudo de línguas, agora como voluntário, no Liceu de Coimbra, nomeadamente as disciplinas de Alemão e Grego, respectivamente nos anos lectivos de 1847-1848 e 1848-1849, isto sem embargo da frequência da Universidade de Coimbra em que se havia matriculado em 1843." (Cordeiro, 2004: 35)

Entre 1847 e 1848 Samodães estaria a melhorar os seus conhecimentos de alemão adquiridos no Liceu. Não se poderia pensar que a tradução manuscrita de *Wilhelm Tell*, datada de 1848, teria sido elaborada aquando da frequência do Liceu de Coimbra, no ano académico de 1847/48? Recorde-se a propósito a proveniência do papel, a fábrica de papel da Lousã, a pouca distância da cidade universitária.

Na famosa cena III do acto III, Rudenz, exaltado, vendo Tell prestes a apontar para a maçã colocada sobre a cabeça do seu filho, dirige palavras veementes a Gessler: «Zu weit getrieben // Verfehlt die Strenge Ihres weisen Zwecks // Und allzu straff gespannt zerspringt der Bogen» (Schiller, 1969: 68). O tradutor desconhecido de 1848 traduz: «Ir mais longe não

é conveniente ao vosso objecto, e a corda quebra quando s'extende demasiado», Ms.Tell.1848: 75; melhor seria: «Levada longe demais, a severidade perde o seu sábio fim, e esticado demasiado, o arco quebra». Tal como muitas falas de *Wilhelm Tell*, esta última se tornou um adágio amplamente conhecido da língua alemã. O último verso pode servir neste âmbito para nos admoestar a não tomar a hipótese por tese. Enquanto não aparecer algum testemunho, por exemplo uma carta escrita pelo conde ou dirigida a ele, que nos permita atribuir-lhe a tradução de *Wilhelm Tell*, a nossa hipótese baseia-se numa série de indícios, que não deixam de ser plausíveis. Caso se venha a confirmar a descrição do manuscrito como documento pessoal do 2.º visconde de Samodães, sem um claro desígnio ulterior, aplicar-se-á também a primeira parte da fala citada acima. Toda a severidade é desproporcionada face à coragem de quem, a meio do século XIX, quando o alemão nem sequer era uma língua da *elite* cultural, empreendeu a tradução de uma obra da categoria de *Wilhelm Tell*. Neste sentido, vale o mote de Tell: «Früh übt sich, was ein Meister werden will» (III, I; Schiller, 1969: 52). O tradutor de 1848 verte para «Aquelle que se quer tornar habil s'exerce com tempo» (Ms. Tell.1848: 55). «Que comece cedo quem quer tornar-se mestre» traduz mais fielmente o sentido do verso em alemão. Seja quem for o tradutor desta versão inédita de *Wilhelm Tell*, é possível pensar que terá enveredado por esse caminho⁵.

5 Em primeiro lugar, quero agradecer a Thomas Ulbrich a disponibilização da tradução manuscrita de *Wilhelm Tell*. Os primeiros resultados da investigação conducente ao presente artigo foram apresentados numa apresentação oral na Universidade de Bamberg, em Junho de 2025, no âmbito de uma estadia académica de curta duração nessa instituição, com o apoio de uma bolsa do Programa Erasmus+ para docentes (protocolo entre a Universidade Católica Portuguesa e a Otto-Friedrich-Universität Bamberg). Agradeço a Enrique Rodrigues-Moura o acolhimento dessa apresentação nos *Bamberger Vorträge zum Literatur- und Kulturtransfer*. A Benno H. Berschin, Enrique Rodrigues-Moura, Hans-Ingo Radatz e Martin Haase, todos da Universidade de Bamberg, gostava de agradecer

*Peça rejeitada ou documento pessoal? Sobre uma tradução
manuscrita para português (1848) de Wilhelm Tell
de Friedrich Schiller*

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, conde de (dir. 1927). *Cartas ineditas de Camillo Castello Branco ao 1.º Conde de Azevêdo*. Coordenadas, anotadas e seguidas de traços biographicos d'este titular pelo 2.º Conde de Azevêdo, Coimbra: Coimbra Editora.
- Cordeiro, Eduardo (2004). *Católicos e Política (1870-1910): O pensamento e a acção do Conde de Samodães*. Maia: Publismai.
- Delille, Maria Manuela Gouveia / Mingocho, Maria Teresa Delgado (1980). *A recepção do teatro de Schiller em Portugal no século XIX*. Vol I: *O drama «Die Räuber»*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ferreira, Licínia Rodrigues (2024). *Catálogo de manuscritos da sala Jorge de Faria da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ms.Tell.1848 = Manuscrito Schiller. // Wilhelm Tell. // Schauspiel. // Guilherme Tell // Drama traduzido do Original. // 1848. Na posse de particular (Thomas Ulbrich).
- Rodrigues, Gonçalves A. A. (1992-1999). *A tradução em Portugal*. 2.º vol.: 1835-1850 e 3.º vol.: 1851-1870. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Santos, José dos (1921/22). *Catálogo da importante e preciosissima Livraria que pertenceu aos notáveis escritores e bibliófilos Condes de Azevedo e de Samodães*. Redigido por José dos Santos; com uma introdução pelo erudito escritor e bibliófilo Sr. Anselmo Braamcamp Freire. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica.
- Schiller, Friedrich von (18--). *Guilherme Tell: Drama em 5 actos*. Tradução do snr. conselheiro José Feliciano de Castilho. Sala

os muitos comentários pertinentes que fizeram à minha apresentação. Agradeço ainda a Filipe Marques Fernandes, Ivo Castro, José Camões, Maria Helena Marques, Mário Costa e Marta Pacheco Pinto a sua ajuda indispensável à redacção do presente artigo.

- Jorge de Faria, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cod. 960.
- Schiller, Friedrich von (1898). *Guilherme Tell*. Tradução Portuguesa em verso solto com uma introdução e anotada por M. da Silva Mendes. Famalicão: Typographia Minerva.
- Schiller: Friedrich von (1969): *Wilhelm Tell: Schauspiel*. Stuttgart: Reclam.
- Silva, Inocência Francisco da/Aranha, Brito (1883-1923). *Diccionario bibliographico portuguez*. Vários volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcelos, Joaquim de (dir. 1873). *O fausto de Castilho julgado pelo elogio-mútuo*. Porto: Imprensa Portuguesa.